

**PERCURSOS SEM SENTIDO, PERCURSOS SENTIDOS. REFLEXÕES ACERCA DA
EXPERIÊNCIA DE INTERVENÇÃO COM ADULTOS EM PROCESSO DE (RE)ORIENTAÇÃO
VOCACIONAL NO SCPOV.LV.**

Ana Mouta¹, Ana Paulino², Luciano Moreira³, Inês Nascimento⁴

1 Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto anamouta@fpce.up.pt

2 Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto

anapaulino@fpce.up.pt

3 Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto

lucianomoreira@fpce.up.pt

4 Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto

ines@fpce.up.pt

Resumo

Perante a eminência de narrativas de crise e de incerteza económica e social poderá compreender-se (considerando o que é socialmente expectável e desejável) que projetos vocacionais estáveis e consolidados sejam questionados e revistos? Simultaneamente, a qualidade de vida poderá configurar-se aqui como o objetivo último, mas também como o “objeto” ameaçado nos meandros indefinidos do que é pessoal e socialmente, ora desejado, ora esperado. Colocar-se voluntariamente num contexto de mudança e imprevisibilidade implica, portanto, um processo (mais ou menos complexo) de negociação pessoal e social, que no âmbito da Consulta Psicológica Vocacional parece potenciar os pressupostos e processos que lhe são inerentes. Pretende-se, nesta comunicação, refletir sobre o modo como a premência psicológica para questionar e desafiar percursos e trajetórias de vida (em momentos que não externamente determinados) potencia as virtualidades da intervenção psicológica vocacional, gerando acontecimentos, radicados em afinidades discursivas, que evocam e convocam de forma imediata dimensões críticas para o investimento reconstrutivo. Procurar-se-á evidenciar, a partir da experiência de intervenção com adultos no Serviço de Consulta Psicológica de Orientação Vocacional ao Longo da Vida (SCPOV.LV) da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP), idiosincrasias dos acontecimentos do processo de (re)orientar-se – em função do estatuto dos indivíduos face ao aprender e ao trabalhar – refletindo de forma transversal como a sua integração na construção de um projeto pessoalmente significativo se repercute na qualidade de vida.

Palavras-chave: (Re)orientação Vocacional, Consulta Vocacional, Adultos, Mudança, Qualidade de vida

Abstract

Facing the raise of narratives of incertitude, economical and social crisis could it be understood (considering what is socially expectable and desirable) that stable and solid vocational projects are to be questioned and revised? Simultaneously, the quality of life could be configured here as the ultimate objective, but also as the frighten "object" in the undefined threads of what is personal and socially, now desired, now expected. To put oneself willingly in a context of change and unpredictability implies, therefore, a process (more or less complex) of personal and social negotiation, which in the scope of the Psychological Vocational Consultation seems to enhance the premises and processes inherent to it. In this presentation, it is pretended to discuss the way as the psychological urgency to question and challenge the routes and paths of life (in moments that are not externally determined) enhance the qualities of the psychological vocational intervention, generating happenings, rooted in discursive affinities, which evoke and summon in a immediate way the critical dimensions to the reconstructive investment. It is tried to show, based on the experience of intervention with adults in the Serviço de Consulta Psicológica de Orientação Vocacional ao Longo da Vida (SCPOV.LV) da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP), idiosyncrasies of the happenings of the process of (re)orienting oneself – in function of the individuals' status concerning the learning and the work – reflecting in a transversal way how the integration in the construction of a meaningful project reverberates on personal quality of life.

Keywords: Vocational (re)orientation, Vocational Consultation, Adults, Change, Quality of life

Do inesperado desejar

No decurso do século XX, o trabalho congregou tanto profundas alterações no seu próprio modo de apresentar-se e pensar-se como no modo como foi sendo representado e abordado pela sociedade ocidental e industrializada, dando hoje a ver-se, mais do que como parte da matéria e da produção, como despesa e disjunção que abre espaço à fenomenologia do encontro do indivíduo consigo mesmo, com os outros e com o seu lugar cambiante no espaço (re)produtivo. A relação com o trabalho predominantemente marcada pela instrumentalidade (i.e., a ocupação profissional assegurava, através da remuneração, a sobrevivência) transformou-se numa relação de ordem simbólica, em que o trabalho adquire valor expressivo (Rodrigues, 1997). A expansão da escolaridade obrigatória e a democratização do

acesso ao ensino superior permitiram, de facto, convocar outras dimensões para o processo de escolha vocacional, complexificando-o e personalizando-o³³.

Atualmente, no campo das implicações para a intervenção psicológica, verifica-se, face à erosão do isomorfismo entre as aspirações, expectativas individuais e os desígnios e necessidades sociais, que o modelo de consulta vocacional se revela obsoleto (Savickas, Nota, Dauwalder, Duarte, Guichard, Soresi, Esbroeck & Vianen, 2009). Uma vez que os produtos- -síntese pessoais se formulam num campo simbólico comum, oferecido pelas representações sociais (Doise, 2003), a anisocronia verificada entre a acomodação das transformações sociais no sistema de representações e o ritmo acelerado da evolução tecnológica e da globalização (Savickas et al., 2009) ameaça a eficácia dos guiões de ação vocacional. Efetivamente, através dos guiões, mais ou menos estruturados, o cenário social, subjetivamente representado e atualizado, enquadra e orienta a ação do sujeito psicológico, a cada momento histórico, para determinados territórios e modos de expressão do projeto vocacional. Portanto, porque se especializaram num contexto marcado pela estabilidade da estrutura social de oportunidades, os guiões disponíveis tornaram-se, hoje, ferramentas cuja eficácia o sujeito psicológico questiona, colocando progressivamente em causa o próprio núcleo da representação social (Flament, 2003).

Ora, a atual emergência, na dupla aceção da palavra, das narrativas de crise generalizada, radica inequivocamente na necessidade de reconfigurar tanto o projeto social como os guiões de ação vocacional individuais. Neste cenário, a apologia enfática do valor intrínseco do empreendedorismo (e.g., Kizner, 1997; Stewart et al., 1999; Busenitz, 1999; Baron & Markman, 2000; Reynolds, Bygrave, Autio, Cox, & Hay, 2002; Seelos & Mair, 2005), perceptível nos discursos de diversos agentes sociais, pode ser entendida como uma tentativa de superação de incongruências prementes e específicas (e.g., o mercado de trabalho, marcado pela volatilidade, não assegura o direito ao emprego, legal e socialmente esperado). Desta forma, a responsabilidade pela criação e manutenção do emprego desloca-se da comunidade para o indivíduo: o colaborador dá lugar ao empreendedor (Barros, 2010/2011). Não se trata, por conseguinte, de inflexões contextuais de discurso, mas de uma reestruturação profunda e simultânea, do mercado de trabalho e da sua representação nos trabalhadores, que traça um novo perfil de competências, prescritivo e coercivo: flexibilidade, disponibilidade e sociabilidade definem o trabalhador da era pós-moderna. A reocorrência sistemática de transições pauta as trajetórias, cuja coerência narrativa depende, sobretudo, da capacidade de apropriação e significação dos acontecimentos por parte do sujeito psicológico. A construção do projeto vocacional implica, hoje, a própria construção do si ao longo da vida (Guichard, 2005).

Assim, a gestão de projetos de vida, designadamente no que concerne à articulação do domínio profissional com outros domínios e dimensões pessoais, implica uma maior recorrência na ativação de comportamentos exploratórios e de efetivação de escolhas, com ressonância no modo de 'relacionar-se'

³³ Guichard (2005) considera que são três os fatores sociais relevantes que enquadram a noção de carreira, para além da estrutura educativa: (i) o individualismo; (ii) a centralidade do trabalho; (iii) a incerteza do futuro.

com a realidade atual e com os projetos e oportunidades de futuro. Desde logo, se considerarmos que a empregabilidade é um construto psicossocial que incorpora características pessoais intrinsecamente relacionadas com atitudes e comportamentos proativos do indivíduo na sua relação com o trabalho (Fugate, Kinicki & Ashforth, 2004) e que configurará uma preocupação tanto mais premente quanto mais expressivo é o contexto de crise e de instabilidade económica e social em que vivemos, será natural assumir que isso se repercute na mais recorrente revisão de projetos e de investimentos ao longo de todo o percurso de vida e não apenas nos momentos (temporal e contextualmente) considerados estruturantes para a sua configuração.

Desta forma, a transição involuntária para o desemprego que tende a assumir-se como cada vez mais normativa nos percursos profissionais 'de hoje' impulsiona de modo quase inequívoco uma revisão e redefinição dos projetos de vida dos indivíduos que com ela se confrontam, seja pelo valor estruturante que o trabalho continua a assumir nas sociedades contemporâneas (Schhapper, 1998), seja pela 'necessidade' de aceder a uma maior disponibilidade financeira ou ao cumprimento de outras necessidades psicológicas que o trabalho poderá proporcionar, como a estruturação do tempo, o contacto social, o propósito coletivo, o estatuto e o estímulo à atividade (Jahoda, 1979, 1981, 1982, 1992), necessidades que poderão concorrer para uma maior "agência pessoal" (Fryer & Payne, 1986; Fryer, 1988) na interação com a situação de desemprego, isto é, para a ativação de comportamentos exploratórios que resultem na configuração de investimentos alternativos de âmbito profissional ou não. O mesmo poderá verificar-se em transições voluntárias, relativas a situações igualmente recorrentes, em que o indivíduo que se encontra empregado se confronta, nessa relação, com a precariedade, a instabilidade e o conflito entre papéis de vida. Mas será que o questionamento que ocorre nestas circunstâncias possui as mesmas características que aquele que irrompe num quadro de aparente estabilidade e êxito, à luz daqueles que se depreende serem os valores priorizados atualmente pela comunidade? Quer dizer, o questionamento que nasce da discrepância, subjetivamente experienciada, entre o tido e o desejado encontra o mesmo acolhimento na rede social de apoio e, de modo geral, na sociedade? Ou o desejo de mudar conhecerá, aqui, outro tipo de obstáculos e resistências?

De acordo com a proposta de Savickas e al. (2009, p. 241)³⁴, estamos perante "empregados/colaboradores nucleares", i.e., empregados/colaboradores que exercem a sua atividade de forma continuada numa instituição estável. Ora, o questionamento/revisão radical de projeto assume, neste grupo, um certo carácter provocatório, uma vez que as suas prioridades se deveriam centrar no desenvolvimento das suas competências atuais para agir no mercado de trabalho global.

Numa perspetiva construtivista, as transições vocacionais configuram transições no processo de construção de identidade que integram, por sua vez, um conjunto de selfs possíveis que vão sendo objeto de reconstruções ao longo do ciclo de vida, de forma dinâmica, contextual e pessoalmente significativa, decorrente da exploração e experimentação de (novas) atividades e papéis, da modificação das redes de

³⁴ Savickas e al. (2009) sugerem que a investigação sobre a construção da vida deverá pressupor a divisão dos colaboradores/empregados em três grupos: nucleares, precários e marginalizados, entre os quais, as preocupações e prioridades seriam diferentes.

relações que lhes estão associadas e da significação de determinados acontecimentos como possibilidades e/ou necessidades de mudança (Ibarra, 2007).

Por um lado, o investimento em novas atividades, inerentes ou não às oportunidades profissionais atuais em que o indivíduo se encontra investido (i.e., quer sejam atividades que resultam do assumir de novas responsabilidades/funções no seu contexto de trabalho, quer sejam atividades associadas a experiências de voluntariado, consultoria ou formação, por exemplo) pode promover a tomada de consciência de um conjunto mais amplo de possibilidades/oportunidades para si e, conseqüentemente, a construção e o reconhecimento de novos papéis 'profissionais' possíveis (idem). Da mesma forma, a experimentação de papéis que ocorre no contexto de diferentes atividades do quotidiano e que se revela incongruente ou menos compatível com as expectativas e o sistema pessoal de valores, de interesses e de competências do indivíduo poderá introduzir mudanças na narrativa de si e na (re)significação de oportunidades. A constatação da divergência de perspectivas entre a realidade atual e a desejada poderá ocorrer, ainda e de forma expressiva, face a acontecimentos inesperados e surpreendentes que pontuam o percurso de vida do indivíduo (idem), motivando a (re)construção de significados e impulsionando-o no sentido da ativação de mudanças nos seus projetos e percursos. Por outro lado, a ativação de novas redes de contacto que funcionem como elementos de identificação, validação e comparação social poderá estimular novas transições (idem), reforçando ou colmatando necessidades e desafios, ao nível da gestão e implementação de (novos) projetos, espoletados pela rede de relações e de suporte social atual do indivíduo.

Na verdade, e colocando o foco no modo como o sujeito psicológico constrói significados acerca de si no mundo, integrando os acontecimentos que pontuam o seu quotidiano e o seu percurso de vida numa narrativa pessoal, poderemos assumir que os fatores anteriormente explicitados como potenciais estímulos para ativação de transições vocacionais podem configurar denominadores comuns aos diferentes cenários profissionais, definidos aqui segundo critérios socialmente construídos de estabilidade e instabilidade profissional e correlativas experiências de (in)satisfação.

Mais ainda, se entendermos a construção da identidade como processo transversal ao ciclo de vida que é continuamente ativado por momentos de crise, e considerando a incerteza e instabilidade que caracterizam o contexto em que vivemos e que implicam, necessariamente, uma maior flexibilidade e abertura a possíveis mudanças nas relações e nas circunstâncias (Fadjukoff, Pulkkinen & Kokko, 2005), poderemos provavelmente assumir que ele não ocorra apenas nos contextos em que a mudança é externamente determinada, mas seja também impulsionado, frequentemente, por dimensões pessoais críticas para a formulação e revisão das escolhas, mesmo em cenários em que as variáveis contextuais aparentemente não o justifiquem.

Contudo, o processo de transição vocacional e o modo de o significar não é linear e implica sempre ambiguidade, ambivalência e incerteza, particularmente patentes nos momentos em que, nem a desvinculação psicológica e emocional de um projeto anterior que deixou de ser pessoal e/ou socialmente viável, nem o assumir de um compromisso com um novo projeto se tornaram ainda efetivos (idem), comprometendo a integração das escolhas e mudanças numa narrativa pessoal reconstruída de forma significativa, podendo aqui a consulta psicológica vocacional 'atuar', sustentada em condições pessoais que poderão potenciar processos e resultados da intervenção, segundo os pressupostos subjacentes à exploração reconstrutiva dos investimentos.

A ação sobre a vontade como espaço de concretização plena da consulta psicológica vocacional

Com a análise que, de seguida, se apresenta, procurar-se-á salientar o processo pelo qual a procura de acompanhamento no âmbito da consulta psicológica vocacional, em momentos percebidos como de necessidade de uma transição pessoalmente determinada, parece associar-se a uma disponibilidade e compreensão do eixo conceptual e estratégico da consulta, ativando as concomitantes afinidades no plano processual e fenomenológico. Para tal reportar-nos-emos à experiência de intervenção no SCPOV.LV com adultos empregados, que procuraram este Serviço traçando como objetivo genérico o de serem apoiados na redefinição do seu percurso vocacional, de modo a poderem vir a sentir-se pessoalmente mais realizados.

Com efeito, desde logo, uma abordagem que mitigue construções pessoais irrealistas quanto a um modo mecanicista de representar e pretender significar os percursos escolares e profissionais, apresenta-se como um sinal próspero à identificação do cliente, que compreende estar perante uma proposta dotada de complexidade, ajustada, por conseguinte, à complexidade que o próprio em si percebe ao pretender introduzir mudanças numa, tantas vezes, aparente situação de estabilidade e conforto. Asserções do tipo "era mesmo isto que eu procurava", em resposta à explanação do modo como a problemática é rececionada e enquadrada, segundo o Modelo de Exploração Reconstructiva do Investimento Vocacional (e.g., Campos, 1991; Campos & Coimbra, 1991), são comuns.

É, pois, central, numa primeira fase, oferecer e explorar com o cliente esta versão da sua situação e do modo como, estrategicamente, se poderá proceder durante o acompanhamento, enquanto via que favorece o reconhecimento do que, nessa atualidade, se encontra em crise e que é, de modo amplo, a relação fenomenológica do cliente com o Mundo. Assim, o significado, o valor, as referências e a viabilidade dos objetivos, escolhas e acontecimentos no plano vocacional são reconsiderados à luz da possibilidade de redefinição da qualidade dos investimentos, neste domínio, de modo que a proposta de levar o cliente a desafiar as suas conceções atuais, possibilitando a emergência de novas necessidades e de reformulações dos seus projetos, é, habitualmente, acolhida com satisfação. Repare-se que a crise identificada pelo próprio não tem uma forma externa que a preceda e que, portanto, tem de ser entendida como necessidade que provém do recolhimento, da síntese e da integração anteriores à consulta. Assim sendo, urge ao cliente que essa forma interior de necessidade se materialize e, pois, se manifeste, mesmo se a estabilidade e a rotina parecem marcar tempos, entendidos por outrem, de segurança pessoal e apelo à cristalização. Parece este aspeto poder explicar a grande disponibilidade e entusiasmo que este cliente, invariavelmente, mostra, quando lhe são propostas tarefas que desafiam os seus modos habituais de observar, proceder, refletir e significar. A qualidade reside, então, aqui, neste caráter distal da experiência que, ao revelar-se nova, consente, desde o princípio, uma outra forma de representar os eventos pessoais, externalizando a necessidade para uma forma alternativa de conceber a praxis da existência. Daí que a oportunidade de revisão de construções socialmente veiculadas acerca do mundo, em geral, e, em particular, do modo como se configuram e sucedem os acontecimentos no território escolar, formativo, profissional, de lazer, em articulação com outras áreas de investimento humano, se revele facilitadora da exploração pessoal de considerações, discordâncias, inflexões e interjeições do cliente no confronto com a sua situação e, muitas vezes, com a maneira como introjetou conceções sobre modos de viver que acabariam por influir, resolutamente, nas suas escolhas. Muitos clientes, em processo no SCPOV.LV, expressam o significado que esta fase representa para si ao fazerem

com que este período se dilate relativamente ao que é habitual em casos tidos como mais típicos para a procura de consulta psicológica vocacional, como o são os de estudantes em momentos externamente determinados de transição no percurso académico. Esta extensão temporal reflete a disponibilidade para o questionamento e reposicionamento, o que rapidamente permite integrar uma conceção mais adequada do tipo de apoio que o cliente pode esperar, localizando em si o ónus da situação e da ação sobre ela.

A predisposição para questionar o estilo pessoal de vida, num período marcado por narrativas de austeridade e contenção no plano nacional e mundial, permite antecipar a focalização do indivíduo em si mesmo, nas invariantes que marcam o seu sentido de (in)satisfação e realização e a capacidade para delas fazer recursos que enfrentam as expectativas e contrariedades que outros podem demonstrar face a este questionamento percebido como inoportuno. Este estado anterior à iniciativa de procura de apoio e a audácia de o assumir num momento histórico particular predispõe o indivíduo, enquanto cliente, para a exploração de dimensões internas críticas para os processos de orientar-se. É nesta fase que um singular entusiasmo tende a observar-se com o eixo conceptual e estratégico do processo, nomeadamente aquando da proposta de revisão, exploração e identificação de valores de vida e definição de respetivas prioridades. Habitualmente, é com elevado grau de envolvimento e investimento na exploração da tarefa que os clientes analisam dilemas, se projetam em narrativas que atribuem a outros ou a cenários hipotéticos, recordam e evocam momentos do percurso vocacional perspetivando-os na evidência do que, então, priorizaram e reavaliam as suas condições e circunstâncias de vida, encontrando no reconhecimento dos valores o esteio da compreensão do que vivenciam, tantas vezes, em sobressalto.

É, pois, com crescente significado, que a exploração de competências vem a ser realizada, consagrando-se a esta dimensão um espaço diferenciador, que ultrapassa a identificação de aspetos técnicos desenvolvidos ao longo das experiências do percurso pessoal, mais ou menos formais. Com efeito, é pela capacidade de integrar e enquadrar a dimensão das competências pessoais num molde que capitaliza a sua aproximação aos valores, isto é, de um modo que possibilita a perceção de que a relação estreita entre ambas as dimensões poderá tender a um aprofundamento dialético, que o cliente acaba por vislumbrar a maleabilidade das competências que desenvolveu, na medida em que estas se mostram permeáveis à ponderação de alternativas de investimento que conduzam a um progressivo sentido de realização.

A revisitação dos interesses do cliente, de tantos que ficaram algures, no seu percurso, por ter expressão, é feita a partir de uma exploração que interseta à sua diversidade, a profundidade do nível de investimento que a pessoa é, ainda, capaz de lhes dedicar. Assim, a abordagem dos interesses promove o acesso a novos territórios de possibilidades, à medida que o cliente se apercebe que não cabe apenas ao domínio profissional a consagração do ser. A grande novidade pessoal surge aqui com a compreensão da simultaneidade de convivência de interesses mais passíveis de terem expressão na área profissional com interesses a operar noutros planos – o formativo contínuo (e.g., aprendizagem continuada de um instrumento musical), o formativo pontual (e.g., participar num curso de culinária), o lazer estruturado (e.g., ser atleta federado), o lazer não estruturado (e.g., ir ao cinema) -, reconhecendo aqui mais do que as típicas duas áreas de investimento e superando a dicotomia trabalho/não trabalho, que simplifica e empobrece a experiência e as possibilidades de realização. A oportunidade de o cliente identificar domínios de investimento mais perenes e menos aleatórios e/ou volitivos, os quais, ainda assim, não comprometem uma relação mais efetiva com o trabalho assalariado do qual não pretendem abdicar, mostra-se de particular valia para si. De igual modo lhes é especialmente significativo capturarem a

complexidade do desenvolvimento vocacional no que se refere à constatação de que não lidam apenas com questões de definição de prioridades de conteúdo no plano dos interesses, mas com a reorganização das formas de investimento. Assim, perceberem que não lhes é apresentada como proposta apenas a possibilidade de reconsiderarem o seu atual emprego ou a sua área de investimento profissional (e, muitas vezes, académico), tendo de travar batalhas dolorosas entre o sentimento pessoal de insatisfação e o sentido de responsabilidade que os outros esperam de si no honrar dos compromissos já estabelecidos, possibilita que a pessoa integre as noções de (1) extensão e (2) profundidade na exploração e realização de atividades que lhe interessam e que, potencialmente, trarão um reforço do sentido de realização. A (1) extensão estará, então, ligada à abrangência das possibilidades de investir. De facto, investir de modo não sistemático numa atividade é diferente de investir num compromisso formativo, num projeto de aprendizagem, mesmo quando este não mantém relação direta e estreita com a área e contexto de trabalho do cliente. Paralelamente, a capacidade do processo complexificar a representação que o cliente possui de determinadas áreas, atuando na (2) dimensão da profundidade analítica e consequente integração de interesses num domínio que, à partida, os não coligiria permite que a competência vocacional saia reforçada, em termos de flexibilidade, abertura à novidade e análise. Estes casos acontecem quando, por exemplo, o cliente é capaz de perceber a possibilidade e o benefício de associar e infundir a sua atividade desportiva ou artística numa tarefa de natureza profissional, cumprindo um objetivo alternativo e original. Desta forma, não apenas dá resposta às suas responsabilidades profissionais, sob um princípio de maior satisfação pessoal, como contribui para a reperspetivação e renovação da sua própria área profissional, o que, por sua vez, dado o reconhecimento externo e a percepção de efetividade sobre o real, poderá levar a um incremento motivacional.

É no cruzamento dos eixos conceptual e estratégico que o eixo fenomenológico da consulta psicológica vocacional se consolida, dando origem ao reforço do eixo processual, onde os processos psicológicos aparecem progressivamente mais diversificados e complexos na abordagem que oferecem ao cliente. Invariavelmente, é na apropriação das dimensões pessoais críticas, em particular no interface entre valores e interesses, sem deixar de enquadrar o contexto social, as oportunidades institucionais e as competências pessoais que poderão revelá-los, que o processo encontra o seu núcleo. O cliente que mostra dificuldade em vivenciar processos psicológicos que passem pela dissonância, pela desequilíbrio e pelo conflito ou o psicólogo que descuida o refinamento do eixo estratégico na abordagem dos mesmos acaba, muitas vezes, por comprometer o próprio processo, encontrando-se aqui o momento em que o primeiro redefine o seu investimento na própria consulta, preparando-se para o confronto e para a ação reconstrutiva ou desistindo da mesma, sacrificando, tantas vezes, os objetivos auspiciosos e esperanças que o trouxeram ali. Parece ser deste desencontro que se explica as desistências que marcam estes processos e que, também no SCPOV.LV, caracterizam a heterogeneidade dos desfechos de processos desta natureza. Ainda assim, nos muitos casos em que este nó é superado no sentido do reinvestimento e da reconstrução pelos clientes do SCPOV.LV, é com o eixo conceptual e estratégico do processo que estes explicam os ganhos que sentem ter tido, especificando atividades concretas que introduziram diversidade na abordagem do mundo ou que corresponderam de modo cabal às suas necessidades de se sentirem compreendidos e aceites, vislumbrando, com o apoio do psicólogo, espaços, no seu meio mais ou menos próximo, não coercivos, que transportem fissuras na homogeneidade narrativa e facilitem a construção de narrativas alternativas fundadas em acontecimentos que prosperam.

A consulta ao encontro da vontade

Se as virtualidades da consulta psicológica vocacional parecem atualizar-se em processos radicados na vontade inesperada – face ao atingido na área vocacional, num quadro generalizado de elisões e fraturas – , há que compreender o desafio que tal sincronia convoca para o plano da intervenção, ao invés de esperar que estes processos possam consagrar a própria consulta e os seus méritos. O questionamento ontológico contínuo levado pelo psicólogo para o seu espaço privado de reflexão processual e a revisão do eixo estratégico como meio de dirimir as fugas a agir por si que, como acima se propõe, explicam, tantas vezes, as desistências nestes casos, parecem ser pontos inescapáveis ao encontro entre as necessidades destes clientes e a efetividade da abordagem que, num primeiro momento, acelera o investimento no processo de consulta. O incentivo à ação, aparecendo em etapas iniciais do processo, sob a forma real e não mediada, a partir de propostas que correspondam à capacidade atual de resposta dos clientes, poderá constituir-se como estratégia mais fiel às exigências de generalização e transferência que, em muitas situações, apenas tardiamente se avaliam. A incorporação “precoce” de momentos de ação sobre o real e a consagração do contexto de consulta para a integração contínua e diagética, poderá, parece, favorecer a construção de linhas de sentido sobre as elisões que as narrativas generalizadas testemunham, oferecendo um novo guião, não enquanto conteúdo prévio condutor mas enquanto espaço de contínua inscrição.

Referências bibliográficas

- Baron, R. A., & Markman, G. D. (2000). Beyond social capital: the role of social competence in entrepreneurs' success. *Academy of Management Executive*, 14(1), 106–116.
- Busenitz, L. W. (1999). Entrepreneurial risk and strategic decision making: it's a matter of perspective. *Journal of Applied Behavioral Science*, 35(3), 325–340.
- Barros, A. (2010/2011). Mudança, incerteza e percursos de vida: Intervenções vocacionais com jovens adultos. *Revista Portuguesa de Psicologia*, 42, 141-151.
- Campos, B. P. (1991). A Intervenção para o Desenvolvimento Vocacional. In B. P. Campos (Org.), *Educação e Desenvolvimento Pessoal e Social* (Cap. VI). Porto: Edições Afrontamento.
- Campos, B. P., & Coimbra, J. L. (1991). Consulta psicológica e exploração do investimento vocacional. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 7, 11-19.
- Doise, W. (2003). Attitudes et représentations sociales. In D. Jodelet (Ed.), *Les Représentations Sociales*. (7e éd., pp. 240-258). Paris: PUF. [1re éd., 1989].
- Fadjukoff, P., Pulkkinen, L., & Kokko, K. (2005). Identity Processes in Adulthood: Diverging Domains. *An International Journal of Theory and Research*, 5 (1), 1-20.
- Flament, C. (2003). Structure et dynamique des représentations sociales. In D. Jodelet (Ed.), *Les représentations sociales*. (7e éd., pp. 224-239). Paris: PUF.

- Fryer, D. (1988). The experience of unemployment in social context. In S. Fisher & J. Reason (Eds.), *Handbook of life stress, cognition and health* (pp. 211-238). Great Britain: John Wiley & Sons.
- Fryer, D., & Payne, R. (1986). Being unemployed: A review of the literature on the psychological experience of unemployment. In C. L. Cooper & I. Robertson (Eds.), *International Review of Industrial and Organizational Psychology* (pp. 235-277). New York: Wiley.
- Fugate, M., Kinicki, A., & Ashforth, B. (2004). Employability: A psycho-social construct, its dimensions, and applications. [Journal of Vocational Behavior](#), 65, 1, 14-38.
- Guichard, J. (2005). Life-long self-construction. *International Journal for Educational and Vocational Guidance*, 5: 111–124.
- Ibarra, H. (2007). Identity transitions: Possible selves, liminality and the dynamics of voluntary career change. Fontainebleau: INSEAD [Faculty & Research - Working Paper].
- Jahoda, M. (1979). The psychological meanings of unemployment. *New Society*, 49, 492-495.
- Jahoda, M. (1981). Work, employment and unemployment. Values, Theories and approaches in social research. *American Psychologist*, 36 (2), 184-191.
- Jahoda, M. (1982). *Employment and unemployment: a social-psychological analysis*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Jahoda, M. (1992). Reflections on Marienthal and after. *Journal of Occupational and Organizational Psychology*, 65, 355-358.
- Kirzner, I. (1997). Entrepreneurial discovery and the competitive market process: an Austrian approach. *Journal of Economic Literature*, 35, 60–85.
- Reynolds, P. D., Bygrave, W. D., Autio, E., Cox, L. W., & Hay, M. (2002). *Global entrepreneurship monitor*. Babson College, London Business School, Ewing Marion Kauffman Foundation.
- Rodrigues, M. L. (1997). *Sociologia das Profissões*. Oeiras: Celta Editora.
- Savickas, M., Laura, N., Rossier, J., Dauwalder, J.-P., Duarte, M., Guichard, J., Soresi, S., Esbroeck, R., & Vianen, A. (2009). Life designing: A paradigm for career construction in the 21st century. *Journal of Vocational Behavior*, 75, 239–250.
- Schnapper, D. (1998). *Contra o fim do trabalho. Conversa com Phillipe Petit*. (P. L. Azevedo, Trad.). Lisboa: Editora Terramar.
- Seelos, C., & Mair, J. (2004). *Social entrepreneurship: The contribution of individual entrepreneurs to sustainable development*. IESE Business School. Working Paper 553.
- Stewart Jr., W. H., Watson, W. E., Carland, J. C., & Carland, J. W. (1999). A proclivity for entrepreneurship: a comparison of entrepreneurs, small business owners, and corporate managers. *Journal of Business Venturing*, 14, 189–214.

Texto escrito conforme o Acordo Ortográfico - convertido pelo Lince.